

IMPrensa, Violência e Velhice: A Construção de Sentidos para a Experiência Urbana

Alarcon Agra do Ó

Labiurb / PPGH-UFCG

velhice@gmail.com

*Ai, palavras, ai, palavras,
Que estranha potência a vossa!*
Cecília Meireles

Introdução

Não sendo apenas um texto, nem mesmo um conjunto deles, a cidade se faz e se refaz no intervalo aberto pelos jogos de linguagem que a tematizam. As palavras e os silêncios são, também, materiais empregados na sua construção incessante, tanto quanto as pedras, os fios, as tintas, as luzes, os corpos, as naturezas inventadas e tudo o mais. Na minha pesquisa, exploro um corpus textual específico: matérias jornalísticas que registram situações de violência em que se viram envolvidas pessoas socialmente classificadas como idosas.¹

Tais matérias, eu as encontro no Jornal da Paraíba, nas suas edições publicadas no período compreendido entre 1994 e 2005. Compõem elas um corpus que venho tomando como algo que “demarca territórios, promove inclusões e exclusões sociais, inventa linguagens e símbolos, arranja identificações, cria novos sujeitos, afeta desejos, inova mercado e mercadorias.” (Flores & Campos, 2007)

Em suas grandes linhas, as questões que organizam o estudo a que me dedico podem ser apresentadas da seguinte forma: como as práticas discursivas que tomam a cidade por objeto atualizam desejos de ordenamento do que elas mesmas descrevem como sendo o caos da vida urbana diária? Como, naquele corpus, efetiva-se não apenas o registro de práticas de apropriação do espaço urbano, mas, além disso, como ali se dá

¹ O Projeto “Mídia, Violência e Governo dos Velhos e da Velhice – um estudo do Jornal da Paraíba entre 1994 e 2005” é apoiado pela UFCG, através dos seus Programas de PIBIC e PIVIC e pelo CNPQ, através do Edital Universal (2010)

uma apropriação singular da cidade? Como a imprensa funciona como responsável pela constituição de dimensões espaciais e temporais para a cidade (numa monumentalização específica)?

Nos textos do Jornal pesquisado, vistos panoramicamente, encontra-se uma espécie de geografia urbana singular, caracterizada pela afirmação de que há zonas e modalidades de ocupação do espaço potencialmente mais arriscadas. Há, ainda, articulada a isso, uma hierarquização de modos de ser, a partir da indicação de condutas e hábitos mais ou menos comprometidos com a vulnerabilidade das pessoas idosas em face de situações de violência.

O que se diz, ali, em linhas gerais, é que a cidade é o espaço de habitação *natural* das pessoas idosas, de acordo com o corpus da pesquisa. Morar fora dela é uma experiência ainda comum, mas plena de riscos, dada a especial vulnerabilidade dos membros daquele grupo etário.

No entanto, diz ainda a imprensa, mesmo estar na cidade não é de todo confiável. É preciso que o homem velho e a mulher velha, habitantes da zona urbana, cerquem-se de cuidados – cumpre dividir o teto com alguém próximo, familiar ou empregado, capaz de amparar e proteger; ainda mais, deve-se guardar, quando em público, grande discrição em relação ao patrimônio; por fim, nos deslocamentos pela cidade, que devem ser raros, rápidos e nunca pelos mesmos caminhos ou nos mesmos horários, cabe observar que o dia é mais seguro que a noite tanto quanto o transporte privado é mais seguro que o público.

É um cenário de pânico, portanto, o que se tece, ali. Não há escapatória para quem já caiu, presa da velhice. E isto se torna ainda mais dramático, cabe acentuar isto aqui, na medida em que os textos a partir dos quais aquelas imagens se difundem são construídos entremeando o registro de situações de violação dos direitos de pessoas idosas (no mais das vezes, isto se dando sob a forma de atos de violência) com fragmentos de falas de atores do drama referido na matéria.

Casos exemplares

O que se sabe, pela página impressa do Jornal, sobre a morte do aposentado e trabalhador rural Severino Galdino da Silva, de sessenta e um anos, é que ela se deu

implicada numa sucessão de pequenas tragédias. Evento misturado a outros, todos de igual caráter, aquela morte ao mesmo tempo é destacada (pela sua singularidade irreduzível, vez que, enfim, trata-se do fim da vida de um homem) e anulada (porque sua força é dissolvida no movimento da descrição de uma cena em que a violência é parte banal da paisagem).

Aliás, cabe lembrar que assim funciona a matéria que dá conta de tais feitos, tanto quanto as outras, exploradas a seguir: como uma maquinaria de tensionamento permanente, justapondo circunstâncias que, de acordo com a sensibilidade vigente, remetem a sensações tais como insegurança, medo, degradação das relações familiares, banalização da vida e da morte. (Castel, 2005) Tudo o que se registra quanto ao *fato* noticiado parece emoldurá-lo com os sinais de que seria inevitável que tudo acabasse mal, numa narrativa que, mais que documentar, significa por si mesma. (Cf. Davis, 2001)

Morando num bairro periférico marcado pela pobreza e pela precariedade, Severino Galdino da Silva foi morto a pauladas pela filha e pelo genro. Os três, bêbados, discutiam quanto à posse do casebre em que o *sexagenário* habitava. Recentemente viúvo, ele estava sendo pressionado pela filha e pelo genro para ceder a ambos a sua morada, o que não lhe parecia justo. Que a sua morte fosse esperada, para, depois dela, o parco patrimônio ser repartido, era de se aceitar; adiantar as coisas, antecipando a distribuição da herança era inaceitável.

Dizem os vizinhos, sempre testemunhas tomadas como relevantes para o Jornal, que, no dia do crime, as discussões foram paulatinamente se acentuando e se tornando mais ásperas. O tempo passava acompanhado de mais bebida, de mais argumentos, do aguçamento do mal estar. Há um relato de uma vizinha que registra o fio que costurava a tensão crescente, ao mesmo tempo em que faz o leitor pensar acerca dos diversos mediadores que se inseriram naquele contexto, em busca de alguma solução pacífica para os impasses: “Ele disse que não iria sair, pois a casa era dele. Falei com Maria do Carmo, mas de nada adiantou. Ela dizia que Fernando iria morar dentro de casa, o que o velho não aceitava.”

Algo merece atenção. Três pessoas, ligadas por laços de parentesco, bebem. Mais que isso, se embriagam. Transformados pela bebida, vêem ampliado o campo dos tensionamentos, e as questões que os incomodam acabam por assumir uma proporção

talvez inesperada. A posse da casa reúne a todos como um elemento que ao mesmo tempo agrega e desagrega – vez que todos a postulam, e todos se sentem com razão, mas a posição de cada um exclui a dos demais. Quando não *apenas* a posse da casa é um fator de tensão, ainda emerge, como possibilidade, a conversão do companheiro da filha da vítima em habitante da casa. O território do masculino seria dividido, partilhado entre genro e sogro, para, talvez, descrédito deste último.

A vizinha escuta tudo, que as paredes são finas e próximas, e, além disso, o barulho das discussões se eleva e despreza as fronteiras dos endereços. E, mais que escutar, ela registra o que ouve – para quem, sabe, e é o que termina acontecendo, transformar-se em testemunha. E em protagonista, vez que procura arbitrar o conflito, sem sucesso. E é através de sua palavra que somos informados de que a filha se mostrara inflexível, pretendendo esvaziar a casa da presença paterna em favor de si mesma e de seu companheiro (o JP dirá *amante*). A voz desta *outra* pessoa, próxima e distante, se tornará, para efeito da notícia (e, certamente, do inquérito), importante, incontornável. Dali brotarão pistas, luzes, imagens, rostos, verdades.

Presos, os assassinos deram versões distintas do acontecido. E dirão outras coisas, diferentes do que a polícia e a imprensa capturaram da vizinhança. Outros relatos assim se somam na cena, gerando a polifonia, a batalha dos discursos de que tanto se fala nas ciências sociais e humanas. Presos, submetidos a um interrogatório que é tramado sob as regras de uma racionalidade que não é a dos conflitos que eles mesmos vivem e viveram, que não é a do falar dos não letrados, eles monumentalizam de forma própria o que acabaram de experienciar, em busca da construção, para si, de uma pertença a um outro mundo que não o dos criminosos vulgares.

Fernando Ferreira da Silva, o genro, inicialmente afirmou não se lembrar de nada, vez que se apresentava demasiado bêbado; em seguida, talvez tendo sido chamado de alguma forma a algum grau de sobriedade, ele passou a se defender dizendo que matara para não morrer, já que seu sogro lhe agredira, armado; Maria do Carmo Ramos Santos, a filha, descrita por uma vizinha como cúmplice evidente do crime, quando falou foi para gritar, na cela, segundo o JP: “Não tive condições de segurar dois homens. Gritei demais, mas foi tudo em vão. Não sei o motivo pelo qual fui presa. Perdi meu pai.” Suas palavras, no entanto, viram a fala do criminoso, contra a qual se levantam outras tantas, mais autorizadas. (JP, 04/01/1996, p. 06)

Josefa Maria da Conceição, de setenta e seis anos, habitante da cidade de Lagoa Seca, nas imediações de Campina Grande, também foi morta em meio a um conflito relacionado à propriedade de um imóvel. O assassino, filho da vítima, ao ser preso em flagrante, “confessou o crime e, sorrindo, disse que deu ‘duas pauladas na velhinha’, que – conforme ele – havia prometido matar-lhe na última quinta-feira.” (JP, 05/05/1996, p. 06)

O criminoso confesso, ao ser capturado, estava, no dizer do Jornal, “em adiantado estado de embriaguez”. Mesmo assim, estabeleceu um relato acerca do que havia ocorrido. Segundo ele, a razão de seu gesto se ligava ao projeto de sua mãe, que era o de expulsá-lo de casa. Moravam juntos, o que estaria desagradando-a. Dias antes do crime, ela teria agredido o filho com uma faca peixeira – e, mais, teria dito que o mataria tão logo ele dormisse.

Segundo o assassino, não lhe restava alternativa a não ser antecipar-se: “Sabendo disso, resolvi agir primeiro. Dei duas pauladas; na primeira, a velhinha caiu e, depois da segunda, eu a coloquei sentada numa cadeira e fui chamar a ambulância. (...) Ela não mais queria que eu morasse com ela. Minha mãe queria ficar com a casa sozinha. Foi melhor eu matá-la para ficar mais tranquilo. Agora, tenho onde dormir.” E, afirma ainda o Jornal, ele “só lamentou a falta da mãe ao lembrar que a vítima lhe dava dinheiro para tomar cachaça.”

A casa, ali, era mais que o pouso: era a matriz de uma animosidade na qual se implicavam muitos fios. Qual o peso, naquela relação, da cachaça bebida pelo filho da dona da casa? Quais os projetos de vida de ambos, e em que pontos eles se chocavam? Em que medida a coabitação limitava os sonhos, o cansaço, o desejo de futuro?

Outro conflito entre parentes se deu, de forma semelhante ao que se relatou acima, em torno da propriedade de terras. José Ailton da Silva tentou assassinar com tiros de revólver o seu pai, Cirilo Moreno da Silva, de setenta e cinco anos. O caso se deu na cidade de Monteiro, no Cariri paraibano.

Ambos haviam se confrontado quanto à função de frações da propriedade familiar, o que resultara numa “acirrada discussão”, em ameaças de agressão física e, finalmente, na tentativa de homicídio. O filho queria arar as terras que o pai destinara à pastagem, e isso fora suficiente para o dissenso. (JP, 04/04/1996, p. 06)

Ali não era a vida urbana propriamente dita que se ensaiava como palco, cena, personagem. Outras questões emergiam: quais as possibilidades de renda que derivavam desta ou daquela atividade? Como os projetos distintos de pai e filho se tensionavam diariamente, no que dizia respeito ao gerenciamento da terra? Numa atualização trágica da oposição antiqüíssima entre o pastoreio e a agricultura, aqueles dois homens acabaram por trazer a intriga e a morte à primeira hora de sua existência, como que indicando um ao outro que o mando era inegociável, que os códigos de honra implicados no dar e obedecer ordens não deveriam ser questionados. A não ser, dirá o filho, se os mais fracos ou jovens dispuserem dos meios de dar cabo do seus desafetos.

A honra, ou a sensação de que ela havia sido ameaçada, acabaria por levar a uma morte, também em Monteiro. Joaquim Ricardo da Rocha, de setenta e um anos, indicado publicamente por José Bezerra de Lima como sendo *cornô*, matou o ofensor com facadas e tiros, fugindo em seguida.

Discutiam no mercado central da cidade quando “José Bezerra disse que Joaquim Ricardo era constantemente traído pela mulher.” O atrito se fez ainda mais ácido, mas os ânimos acabaram por se acalmar e, “no decorrer da tarde, os dois “fizeram as pazes”, tendo a vítima ido à residência do septuagenário a convite. Lá, ele fez lembrar a José Bezerra do que ocorreu pela manhã. A discussão se acirrou e a vítima foi atingida a golpes de faca. Inconformado, Joaquim Ricardo pediu a espingarda a sua mulher e efetuou um disparo a queima roupa, tirando a vida do oponente.” (JP, 05/04/1996, p. 06)

Igualmente em Monteiro, “o agricultor Jonas Bezerra, 62, casado, que residia na localidade Olho D’água do neto, também no município de Monteiro, foi assassinado a tiros durante uma emboscada. Jonas tombou com mais de 6 tiros, conforme informações da polícia que já tem os nomes dos criminosos, mas não os divulgou. A vítima era tida como valente na região.” (JP, 05/04/1996, p. 06)

Numa outra situação, havida em Borborema, uma cidade com pouco mais de cinco mil habitantes, situada no Brejo da Paraíba, um engano levou Severino Alexandre Ferreira, de setenta e três anos, à morte.

Tendo comprado a casa de Edmilson Fidélis dos Santos, perseguido pela polícia pelo crime de latrocínio, o “septuagenário” foi morto por um agente da polícia civil que confundiu os dois indivíduos. Nas palavras do JP: “A polícia recebeu informação de que

Fidélis estava residindo no conjunto Nova Esperança. Se dirigindo ao município na última segunda-feira à noite. Na madrugada de ontem cercaram a casa que pertenceu ao bandido, mas que tinha sido vendida ao aposentado Severino Alexandre. O septuagenário acordou assustado. Ao sair de casa tropeçou e caiu. Ele estava armado com uma foice. Pensando se tratar do bandido e que ele iria reagir, Nonato, um dos integrantes do grupo, já de arma em punho, efetuou disparos e um deles atingiu o aposentado, que teve morte imediata.” (JP, 31/01/1996, p. 06)

Palavras Finais

Cada vez mais numerosos e mais visíveis no movimento de práticas históricas as mais diversas, os velhos e as velhas são personagens crescentemente envolvidos em situações de violência (Berquó, p. 2001, p. 20). A aspereza social em relação aos velhos e às velhas vem se mantendo, nos últimos cinquenta anos, como uma tendência constante e, em certas circunstâncias, como algo que se ampliou, e se adensou. Contra os idosos tem pesado a sua fragilidade em relação às escalas biopolíticas em vigor, as quais sacralizam certas imagens de força e de juventude, bem como o etarismo que aí está implicado e que ultrapassa tais quadros, espraiando-se socialmente como matriz de preconceitos e abjeções sem conta (Berzins & Watanabe, 2005).

Ora, a violência é algo que, ao ocorrer, atualiza numa cena trágica as tensões tantas que atravessam e constituem o corpo social (Costa, 2002; Garnel, 2007). Gênero, etnia e geração se tramam, se fundem, se reinventam em meio ao recorte dos corpos e dos sentidos que se dá quando a violência se demarca como a regra da convivência, como a energia que cimenta ou desagrega as relações sociais (Britto da Motta, 2004).

O que aprendemos, historicamente, a nomear como violência, enfim, é sempre algo implicado na dinâmica social. O ato violento é uma experiência que encena e problematiza – e permite, no seu exame, outras encenações e outras problematizações – o mundo em que ela ocorre. Ela redefine relações, permite ou impede trajetórias, reinventa a história, ao passo em que interfere mais ou menos diretamente na pactuação e na experimentação de valores. (Lara & Mendonça, 2006, p. 09-11; 18)

A “verdade” da violência, neste sentido, pode ser pensada como um campo simbólico, como um jogo de práticas discursivas, de dispositivos de poder, em meio aos

quais normas são pensadas e vividas como "campos conflituosos, constitutivos das próprias relações sociais: campos minados pela luta política, cujos sentidos e significados dependem das ações dos próprios sujeitos históricos que os conformam." (Lara & Mendonça, 2006, p. 09; 13)

A imprensa, ciosa de seu duplo papel de registro dos fatos e de mercadoria que exige ser consumida, sente-se no dever e no direito de pautar incontáveis vezes fatos daquela natureza. Por outro lado, a grande repercussão da violência urbana nos meios de comunicação é identificada pela literatura como uma das razões possíveis para o aumento da insegurança e da ansiedade dos idosos em relação ao tema. Ali se (re)afirma a vulnerabilidade como condição existencial do idoso na cidade, e como esteio do seu medo em relação à violência urbana (Delinski, 2001).

O que se diz na imprensa, é o que acredito, remete a um arquivo de possibilidades e o faz se mover em torno de seus eixos – os quais possuem uma fixidez apenas momentânea, circunstancial, histórica. A notícia, quando pensada nos campos e canteiros da história, é, assim, um documento-monumento que atualiza certa experiência empírica ao fazê-la dialogar com regras de produção da verdade que são humanas, demasiado humanas – sendo o registro do que se constrói desde ali como o que houve e do próprio movimento de efetivação de uma política de verdade singular e histórica (Berzins & Watanabe, 2005; Eckert, 2002; Minayo & Coimbra Jr., 2005; Pinto & Serelle, 2006; Pitta, 1995; Vivarta, 2003).

O Jornal da Paraíba, nos limites desta pesquisa, constitui-se, portanto, como portador de uma discursividade singular quanto a experiências de violência nas quais se envolveram pessoas idosas. Ele as registra, as faz existir como notícia. Ele torna-se, desde aí, matéria-prima sedutora para o historiador.

Bibliografia

- BARROS, Myriam Moraes Lins de. (org.) *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BERNARDO, Kátia Jane Chaves. As relações intergeracionais e a violência familiar contra o idoso. In. MOTTA, Alda Britto da et alii (orgs.) *Reparando a falta*.

- Dinâmica de gênero em perspectiva geracional. Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, 2005, p. 75-86.
- BERQUÓ, Elza. Evolução demográfica. In. SACHS, Ignacy. et alli. (orgs). *Brasil: um século de transformações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 14-37.
- BERZINS, Marília Anselmo Viana da Silva & WATANABE, Helena Akemi Wada. Violência contra idosos: do invisível ao visível? In. CORTE, Beltrina. et. alii. (orgs.) *Velhice, envelhecimento, complex(idade)*. São Paulo: Vetor, 2005, p. 305-326;
- BRICEÑO-LEÓN, Roberto. Violencia interpersonal: salu publica y governabilidad. In. MINAYO, Maria Cecília de Souza & COIMBRA JR., Carlos E. A. (orgs.) *Críticas e atuantes. Ciências sociais e humanas em saúde na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, p. 649-663.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. Gênero, idades e gerações. Cadernos do CRH, Salvador, v. 17, n. 42, p. 349-355, 2004.
- BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha & MOURA, José Francisco de. (orgs.) *Violência na história*. Rio de Janeiro: Mauad X : FAPERJ, 2009.
- CASTEL, Robert. *A insegurança social*. O que é ser protegido? Petrópolis: Vozes, 2005.
- COSTA, Suely Gomes. A serração das velhas. Labrys, estudos feministas, número 1-2, julho/dezembro 2002.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da UNESP; FAPESP, 1999.
- DELINSKI, Gisele. et alii. Tipos de medo encontrados em adultos e idosos na cidade de Curitiba. In. Estudos Interdisciplinares Sobre Envelhecimento, Porto Alegre, v. 3, p. 89-102, 2001.
- ECKERT, Cornelia. A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre. In. MINAYO, Maria Cecília de Souza & COIMBRA JR., Carlos E. A. (orgs.) *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002, p. 73-102.

- ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In. SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 07-76.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos; CAMPOS, Emerson César de. Carrosséis urbanos: da racionalidade moderna ao pluralismo temático (ou territorialidades contemporâneas). *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 27, n. 53, jun. 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100012&lng=pt&nrm=iso.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*. Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GARNEL, Maria Rita Lino. *Vítimas e violências na Lisboa da I República*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007.
- GARRIDO, Edleusa Nery. Na velhice também? O PSF identificando mulheres em situações de violência doméstica. In. MOTTA, Alda Britto da et alii (orgs.) *Reparando a falta*. Dinâmica de gênero em perspectiva geracional. Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, 2005, p. 87-97.
- HOBBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LARA, Silvia Hunold & MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. Apresentação. In. _____. (orgs.) *Direitos e justiça no Brasil*. Ensaio de história social. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006, p. 09-22.
- LLORET, Caterina. As outras idades ou as idades do outro. In. LARROSA, Jorge & LARA, Nuria Pérez de. (orgs.) *Imagens do outro*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 13-23.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza & COIMBRA JR., Carlos E. A. (orgs.) *Críticas e atuantes*. Ciências sociais e humanas em saúde na América Latina. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.
- NEDER, Gizlene. (org.) *História & direito*. Jogos de encontros e transdisciplinaridade. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- OST, François. *O tempo do direito*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

- PAIM, Jairnilson Silva. Atenção à saúde no Brasil. In. BRASIL. Ministério da Saúde. *Saúde no Brasil*. Contribuição para a Agenda de Prioridades de Pesquisa. Brasília: Ministério da Saúde, 2006, p. 15-44.
- PINTO, Julio & SERELLE, Márcio. (orgs.) *Interações midiáticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- PITTA, Áurea M. da Rocha. (org.) *Saúde & Comunicação*. Visibilidades e silêncios. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.
- VERAS, Renato et alii. Transformações demográficas e os novos desafios resultantes do envelhecimento populacional. In. MINAYO, Maria Cecília de Souza & COIMBRA JR., Carlos E. A. (orgs.) *Críticas e atuantes*. Ciências sociais e humanas em saúde na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 503-518.
- VIVARTA, Veet. *O grito dos inocentes*. Os meios de comunicação e a violência sexual contra crianças e adolescentes. São Paulo: Cortez, 2003.
- ZALUAR, Alba. Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil. In. SCHWARCZ, Lilia Moritz. (org.) *História da vida privada no Brasil* 4. Contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 245-318.
- ZUBEN, Newton Aquiles von. Envelhecimento: metamorfose de sentido sob o signo da finitude. In. NERI, Anita Liberalesso. (org.) *Maturidade e velhice*. Trajetórias individuais e socioculturais. Campinas, SP: Papirus, 2001, p. 151-182.